



## IMAGENS DE JOÃO GOULART NOS DOCUMENTÁRIOS “JANGO” (1984), “DOSSIÊ JANGO” (2013) E “O DIA QUE DUROU 21 ANOS” (2013)

**Paula Otero dos Santos \***  
Universidade de Brasília – UnB  
[paulaoteros@yahoo.com.br](mailto:paulaoteros@yahoo.com.br)

**Edlene Oliveira Silva \*\***  
Universidade de Brasília – UnB  
[edlene@unb.br](mailto:edlene@unb.br)

**RESUMO:** Este artigo analisa as imagens de João Goulart nos documentários *Jango* (1984), de Silvio Tendler, *Dossiê Jango* (2013), de Paulo Henrique Fontenelle e *O dia que durou 21 anos* (2013), de Camilo Tavares, compreendendo as condições de produção dessas narrativas em diálogo com a historiografia, bem como sentidos, significados, imaginários e práticas sociais que as informam. Quais discursos sobre Jango e o golpe de 64 são preponderantes nesses documentários? Que memória está sendo reverberada ou criada nessas películas?

**PALAVRAS-CHAVE:** João Goulart, História, Documentário.

## IMAGES OF JOÃO GOULART IN THE DOCUMENTARIES “JANGO” (1984), “DOSSIÊ JANGO” (2013) AND “O DIA QUE DUROU 21 ANOS” (2013)

**ABSTRACT:** This article analyses the images of João Goulart in the documentaries *Jango* (1984), by Silvio Tendler, *Dossiê Jango* (2013), by Paulo Henrique Fontenelle and *O dia que durou 21 anos* (2013), by Camilo Tavares, comprehending the production conditions of these narratives in dialogue with historiography, as well as senses, meanings, imaginaries and social practices that inform them. Which speeches about Jango and the 1964 coup d'état prevail in these documentaries? What memory is being reverberated or created in these films?

**KEYWORDS:** João Goulart, History, Documentary.

---

\* Mestre em História pelo Programa de Pós-graduação em História da UnB.

\*\* Doutora em História pela Universidade de Brasília e professora adjunta na área de Teoria e Metodologia do Ensino de História da Universidade de Brasília. Coordenadora do LABEH (Laboratório de Ensino de História da UnB).

Cresceu, nos últimos anos, o interesse dos historiadores e pesquisadores de diversas áreas pelo ex-presidente da República João Goulart. O fenômeno “Jango”, seu governo e sua relação com o golpe militar de 64 foram temas de várias obras, como a biografia escrita por Marcos Antônio Villa<sup>3</sup>, o estudo da historiadora Marieta Ferreira<sup>4</sup>, o artigo de Jorge Ferreira<sup>5</sup> e o trabalho de Juremir Machado<sup>6</sup>. Para tentar desvendar a complexidade de sua trajetória, uma obra fundamental é *Jango: multiplas faces* de Ângela Castro Gomes e Jorge Ferreira<sup>7</sup>. Se tradicionalmente Jango foi retratado como um líder incompetente, demagogo, sem controle da situação política do país, dominado pelos comunistas, os autores Gomes e Ferreira, sem se moldarem a perspectivas positivas ou negativas, reúnem em sua obra um caleidoscópio documental que constrói uma visão não linear e paradoxal da figura de Jango desde o princípio de sua carreira política. Ao analisar relatos de aliados e adversários de Jango, os autores privilegiaram o confronto de opiniões ao invés de buscarem uma história conclusiva, realizando uma reconstrução historiográfica que possibilita uma leitura plural sobre sua atuação.

A curiosidade por Goulart se intensificou em 2013 quando jornais, *blogs* e sites da internet divulgaram que a causa de sua morte<sup>8</sup> seria contestada após 37 anos, a pedido da família. A Comissão Nacional da Verdade (CNV)<sup>9</sup> resolveu averiguar as denúncias de que Jango teria sido envenenado durante a ditadura militar, como parte dos planos da chamada Operação Condor.<sup>10</sup> As investigações não chegaram a uma conclusão final.

---

<sup>3</sup> VILA, Marcos Antônio. **Jango: um perfil (1945-1964)**. São Paulo: Globo, 2004.

<sup>4</sup> FERREIRA, Marieta de Moraes. **João Goulart: entre a memória e a história**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

<sup>5</sup> FERREIRA, Jorge. Como as sociedades esquecem: Jango. In: SOARES, Mariza; FERREIRA, Jorge. **A história vai ao cinema**. Rio de Janeiro: Record, p. 161-178.

<sup>6</sup> **Jango: vida e morte no exílio**. Porto Alegre: L&PM.

<sup>7</sup> Rio de Janeiro: FGV.

<sup>8</sup> Segundo a imprensa da época, Jango teria morrido no exílio, vítima de ataque cardíaco, em 6 dez. 1976.

<sup>9</sup> BRASIL. **Comissão Nacional da Verdade. Relatório da CNV**. Brasília, v. 3, p. 520-526. Disponível em: <[http://www.cnv.gov.br/images/pdf/relatorio/volume\\_3\\_digital.pdf](http://www.cnv.gov.br/images/pdf/relatorio/volume_3_digital.pdf)>. Acesso em: 24 abr. 2016.

<sup>10</sup> “Entre os dias de 25 de novembro e 1º de dezembro foi estabelecida, pelos principais representantes do serviço de inteligência dos países do Cone Sul, a Operação Condor. O objetivo da operação era oficializar o intercâmbio de informações sobre a ‘subversão’ em seus países, bem como a realização de ações conjuntas e de treinamento militar. A Condor acabou levando a cabo assassinatos de oponentes fora de seus territórios” QUADRAT, Samantha Viz. *O direito à identidade: a restituição de crianças apropriadas nos porões das ditaduras militares do Cone Sul*. Revista História. vol.22, nº

Foi somente em 2013 que Jango recebeu, do então governo de Dilma Rousseff, honras de Chefe de Estado, uma homenagem póstuma. Em sessão solene conjunta do Congresso Nacional, o cargo de Presidente da República foi devolvido simbolicamente a João Goulart. Por muito tempo, o governo Jango foi praticamente ignorado pela academia. Na historiografia e nos documentários<sup>11</sup>, sua administração política era frequentemente vista de forma pejorativa, como a de um presidente fraco, que não aguentou a pressão e, em consequência, fugiu sem nenhuma resistência para São Borja, sua cidade natal, e de lá partiu para o Uruguai, onde morreu no exílio.<sup>12</sup> O historiador Jorge Ferreira sublinha ainda que, após 1964, Jango foi execrado pela direita, desprezado pela esquerda e solenemente ignorado pela pesquisa universitária. O resultado, com o tempo, foi uma imagem ocultada e condenada ao esquecimento coletivo.

[...] Desde que Goulart entrou na vida pública, em fins de 1945, e, particularmente, quando foi identificado como pessoa próxima a Vargas, começaram as críticas sobre ele veiculadas na imprensa. Mas sua atuação como ministro do Trabalho desencadeou uma série de ataques e insultos vindo dos setores conservadores, particularmente da UDN. O que incomodava os conservadores é que Jango, no ministério do Trabalho, aproximou-se do movimento sindical e passou a dialogar com os trabalhadores e líderes sindicais. Para a direita e os udenistas, tratava-se de algo inconcebível para um ministro de Estado. Daí surgiram as críticas: demagogo, manipulador, incompetente, instigador de greves, agitador etc. A estas denúncias de cunho político, juntaram-se outras, de cunho moral: mulherengo, alcoólatra etc. Quando, ao final de sua gestão no ministério, os opositores perceberam que Jango se tornara o herdeiro político de Getúlio Vargas, os ataques aumentaram ainda mais, surgindo a expressão “República sindicalista” [...] As imagens negativas sobre Goulart tomaram outra dimensão após o golpe militar de 1964. Os golpistas, civis e militares, passaram a desqualificar o regime democrático que derrubaram e a pessoa de Goulart em particular. Dele, os vitoriosos de 1964 retomaram os ataques formulados anteriormente, acrescido de adjetivos como corrupto, irresponsável, despreparado etc. Jango, no exílio, sequer podia se defender das acusações. As esquerdas, por sua vez, também contribuíram para o processo: “populista”, por exemplo,



---

2, São Paulo, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/his/v22n2/a10v22n2.pdf>>. Acesso em: 5 mar. 2015.

<sup>11</sup> Dos três documentários que serão analisados, dois são recentes. Houve uma lacuna de quase 30 anos entre o *Jango* (1984) de Silvio Tendler e *Dossiê Jango* (2013) de Paulo Henrique Fontenelle e *O Dia que durou 21 anos* (2012) de Camilo Tavares.

<sup>12</sup> FERREIRA, Marieta de Moraes. **João Goulart**: entre a memória e a história. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

foi conceito criado nas Universidades para desqualificar lideranças anteriores a 1964.<sup>13</sup>

Jango é um personagem cuja história e governo continuam deixando lacunas que são preenchidas segundo as representações formuladas em cada época. Desse modo, as imagens de Goulart, difundidas em distintos artefatos contemporâneos, acabam por revelar múltiplos valores, ideias, crenças e imaginários em torno desse personagem central na História do Brasil. Cada cultura parece projetar seu próprio Jango, visualizando-o de uma maneira específica. Estudar as representações de Goulart no cinema auxilia a desvendar um pouco as concepções acerca do ex-presidente projetadas nas telas por diferentes discursos.

No cinema brasileiro, os únicos documentários de exibição nacional que encontramos foram: *Jango* (1984), de Silvio Tendler, *Dossiê Jango* (2013), de Paulo Henrique Fontenelle e *O dia que durou 21 anos* (2013), de Camilo Tavares, películas que são objeto deste artigo e nas quais buscamos compreender as condições de produção das narrativas, bem como analisar sentidos, significados, imaginários e argumentos historiográficos que as informam. Quais discursos sobre Jango e o golpe de 64 são preponderantes nesses documentários? Que memória está sendo reverberada ou criada nessas películas?

É importante que os historiadores considerem formas de produção e difusão da história fora do contexto tradicional acadêmico, tendo em vista o reconhecimento e problematização dos usos do passado no presente. É inegável o papel do cinema na divulgação de representações no mundo contemporâneo, dado o seu alcance e centralidade na cultura brasileira.

### **BASEADO EM FATOS REAIS? VERDADE, MEMÓRIA E DOCUMENTÁRIO**

Os documentários, como produto cultural, estabelecem uma relação complexa com a ideia de verdade, uma vez que são geralmente compreendidos como mais próximos da realidade, pelo menos de acordo com o público.

---

<sup>13</sup> FERREIRA, Jorge. **Como as sociedades esquecem: Jango.** *apud* PELLI, Ronaldo. **Jango, o conciliador.** Revista de História. Rio de Janeiro, 19 jul. 2011. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/entrevista/jango-o-conciliador>>. Acesso em: 4 fev. 2016.

O “efeito de real” proporcionado ao espectador, segundo o historiador canadense Robert Rosenstone se dá porque esse gênero cinematográfico parece refletir “ostensivamente o mundo de forma direta, possuindo o que foi chamado de relação ‘indexativa’ com a realidade”.<sup>14</sup> No entanto, essa concepção é equivocada, visto que o documentário é uma leitura parcial e subjetiva de fatos e temas considerados reais. O trabalho de roteiro e direção envolve a seleção e recorte de imagens, a valorização de alguns fatos em detrimento de outros, a escolha da trilha sonora e da fotografia como forma de persuasão, a edição final do material filmado, e outras intrincadas operações entendidas como um “tratamento criativo da realidade”. Rosenstone afirma que os

[...] jornalistas e o público em geral confiam muito mais no documentário do que no longa-metragem dramático. Mas trata-se de uma forma equivocada de confiança, pois o documentário compartilha de muitos aspectos do filme ficcional. Ele também às vezes usa imagens que são aproximações mais do que realidades literais, ocasionalmente, dramatiza cenas e regularmente cria uma estrutura que adapta o material às convenções [da linguagem cinematográfica].<sup>15</sup>

Uma das estratégias comuns na produção de documentários é o uso de testemunhos que acabam por fornecer ao público um maior “efeito de realidade/verdade”. As películas que analisamos utilizam a testemunha ocular, aquela que viveu os acontecimentos e, por meio delas, dão voz ao passado, ainda que apresentem relatos divergentes da perspectiva central defendida na obra fílmica. Em *Dossiê Jango*, o historiador Moniz Bandeira sustenta várias vezes que a ideia de assassinato de Goulart, acolhida pelo diretor, é fantasiosa. Em *Jango*, o banqueiro Magalhães Pinto, o tenente-coronel Jarbas Passarinho e o General Antônio Carlos Muricy explicam suas razões para apoiar o golpe de 1964. Em *O dia que durou 21 anos*, o general Newton Cruz, Jarbas Passarinho e o almirante Julio de Sá Bierrenbach justificam sua versão favorável à ditadura.

A apresentação de documentos oficiais, como relatórios de ex-presidentes norte-americanos, boletins policiais, ordens de prisão, telegramas do Departamento de Estado dos E.U.A e gravações telefônicas de diálogos da Casa Branca entre 1962-1964 enfatizam o aspecto real dos acontecimentos narrados. *O dia que durou 21 anos* recorre

---

<sup>14</sup> GRIERSON apud ROSENSTONE, Robert. **A história nos filmes, os filmes na história**. São Paulo: Paz e Terra, 2010, p. 110.

<sup>15</sup> ROSENSTONE, Robert. **A história nos filmes, os filmes na história**. São Paulo: Paz e Terra, 2010, p. 110.

às fontes históricas oficiais americanas consideradas confidenciais por muitas décadas e que se tornaram públicas 50 anos depois, tal como prevê a legislação nacional estadunidense.<sup>16</sup> No início do filme é apresentado o depoimento de Peter Kornbluh, Coordenador do Arquivo Nacional de Segurança dos Estados Unidos, que relata a presença de uma rica coleção de documentos que narravam, “minuto a minuto”, o desenrolar do golpe militar no Brasil. As imagens dos documentos e trechos grifados são mostradas na tela em alternância com entrevistas de depoentes.

Outra tática de legitimidade é a consultoria e análise de historiadores: Moniz Bandeira está em *Dossiê Jango*, James Green, Carlos Fico e Peter Kornbluh em *O dia que durou 21 anos* e o próprio Silvio Tendler, diretor de *Jango* (1984), é historiador formado pela Universidade de Paris VII em 1975. No entanto, o papel principal é atribuído às testemunhas oculares e aos documentos oficiais, talvez porque, para os diretores, o relato da testemunha e os documentos não necessitariam da intermediação e corroboração de um historiador, reforçando a ideia de que as fontes escritas ou orais falam “a verdade” por si mesmas.

François Hartog alerta que se vive o tempo das vítimas, com destaque para o testemunho, dado que ele “viveu essa história”.<sup>17</sup> Hartog e François Dosse<sup>18</sup>, ambos historiadores, mencionam como exemplo a iniciativa do cineasta Steven Spielberg de recolher depoimentos de sobreviventes dos campos de concentração nazista e disponibilizar *online* ao público, sem intermediações de especialistas no assunto.<sup>19</sup>

No caso dos documentários investigados, nem todos os testemunhos partem das vítimas da ditadura e seu uso não deve ser visto apenas como uma tática de comprovação da realidade, mas como uma necessidade, por parte do diretor, de “dar voz” às pessoas e fontes históricas que foram silenciadas ou que não estavam

---

<sup>16</sup> Assinada em 1966 pelo Presidente Lyndon Johnson, a Lei de Liberdade de Informação Americana (*Freedom of Information Act- FOIA*) prevê a liberação pública de documentos oficiais classificados como confidenciais e secretos com mais de 20, 30 ou 50 anos de idade. Todavia, sua aplicação está sujeita a muitas variáveis estratégicas. Em 2006, o Arquivo Nacional de Segurança dos Estados Unidos abriu milhares de documentos para consulta pública, possibilitando a pesquisa do cineasta Camilo Tavares, que embasou seu documentário.

<sup>17</sup> HARTOG, François. **El tiempo de las víctimas**. Revista de Estudios Sociales. Bogotá, n. 44, dez. 2012, p.14

<sup>18</sup> DOSSE, François. **A história**. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

<sup>19</sup> Após o lançamento do filme *A lista de Schindler* (1993), Spielberg fundou, em 1994, a *USC Shoah Foundation*, dedicada a realizar e divulgar entrevistas em vídeo com sobreviventes e testemunhas do Holocausto e outros genocídios.

disponíveis ao público, permitindo que outras memórias sejam reveladas e construídas. Essas novas memórias ajudariam a resignificar a figura de Jango e reelaborar velhas interpretações acerca desse personagem. A narrativa inicial no *Dossiê Jango* é esclarecedora:

A verdade não pode ser inatingível. É preciso atingi-la, obrigatoriamente estabelecê-la. Tudo que pensamos ser verdade, um dia muda e podemos encontrar coisas que mudam a História. Se alguém disser que tem a verdade absoluta sobre o que aconteceu no Brasil desde 1964 até 2012, se disser que sabe, ou é um mentiroso ou é um ingênuo. A História deve ser recuperada, porque não está recuperada. Pelo contrário, está oculta. Os silêncios são partes da ocultação da verdade. Por quê? [áudio do discurso de Auro de Moura Andrade com imagens de Goulart: Atenção! O Senhor Presidente da República deixou a sede do governo. Assim sendo, declaro vaga a Presidência da República!].

As fontes escritas e orais nada mais são que fragmentos da verdade/passado. Não se pode ignorá-las, nem tampouco torná-las incontestáveis. Buscar a verdade nesses documentários também pode possuir um significado semelhante ao almejado pela Comissão Nacional da Verdade: encontrar corpos, denunciar a tortura, apontar culpados e reforçar a crítica ao autoritarismo. Nesse caso, o uso político do documentário para esse fim é evidente, como se constata na fala do jornalista uruguaio Roger Rodriguez, em *Dossiê Jango*:

Brilhante Ustra, agentes do DOPS, Fleury, o que aconteceu? Vamos olhar para nossos próprios umbigos. Quantos segredos temos? Quantos mortos há no armário? Podemos continuar brincando de detetives, investigando, juntando pedacinhos, escrevendo nos jornais, fazendo documentários e escrevendo notícias. Mas isso é, definitivamente, uma questão política. Enquanto o Estado brasileiro não tiver vontade política de investigar a sério o que aconteceu com João Goulart, não vamos chegar a verdade. [...] Qual a razão dos segredos? Por que os documentos são segredos de Estado? A que interessa esse segredo? O que não se pode saber? O segredo de Estado gera um Estado secreto. E esse Estado secreto gera histórias oficiais que ninguém há de desmentir. Como jornalista, eu quero saber a história e a verdade.

## NOVOS PASSADOS, NOVOS FUTUROS OU “NUNCA MAIS”!<sup>20</sup>

---

<sup>20</sup> A expressão “Nunca Mais” foi retirada de uma afirmação feita no tribunal argentino que condenou Jorge Rafael Videla (*apud* DOSSIÊ JANGO, 2013): “quero usar uma frase que não me pertence, porque já pertence a todo povo argentino. Senhores juízes, ‘nunca mais’!”

Um filme reflete o imaginário do tempo presente de sua produção, mas também possibilita vislumbrar projetos de futuro. Nos três documentários existe a intenção de se reescrever/reinterpretar o personagem Jango e seu governo de maneira positiva. Neles, o golpe militar é execrado e o autoritarismo repudiado com o objetivo político de se afastar novas ditaduras no Brasil “presente-futuro”. Em *Dossiê Jango*, o entrevistado Pablo Andrés Vassel, promotor público argentino, declara que “invariavelmente a história nos demonstra que, quando se perde a memória e se oculta a verdade, os povos voltam a repetir as tragédias do passado”. *Jango* termina com o poema de Fernando Brant, no qual os últimos versos são: “os anos passados, a maturidade e a visão diária da injustiça e do ódio, da opressão, da mentira e do medo, me levam agora, adulto, em nome da verdade e da história, a reafirmar o menino: as lágrimas derramadas em 64 continuam justas”.<sup>21</sup>

*O dia que durou 21 anos* acaba com um trecho do depoimento do historiador Peter Kornbluh: “tudo isso foi feito em nome da democracia, supostamente”. Ao problematizar os usos inadequados do termo democracia, o diretor denuncia como um regime autoritário se sustentou sob a justificativa de assegurar uma ordem – que ajudou a suprimir –, gerando a expectativa de um porvir efetivamente democrático. Ao mesmo tempo, o diretor responde ao argumento do general Antônio Carlos Muricy, no qual o militar entende que a “Revolução de 64” foi uma reação ao comprovado projeto de Goulart de “desestabilização da democracia”.

Nos documentários, os projetos de futuro estão vinculados às suas condições de produção e à vivência e escolhas dos seus diretores. Dos três filmes, *Jango* de Silvio Tendler é o mais antigo e o mais discutido pela historiografia. 1984, seu ano de elaboração, é simbólico, pois marcou o final da ditadura no Brasil e o movimento das Diretas Já, visto que o último governante eleito democraticamente havia sido Jânio Quadros, em 1960. Logo, é significativo que no contexto histórico da “abertura política”, o diretor tenha representado, nas telas, os anos de 1940 até 1984 da biografia de João Goulart. Em seu livro *A História vai ao cinema*, Tendler chama atenção para um grito de alerta:

[...] querem apagar a história. Jovens de 20 anos não sabem o que foi a Guerra do Vietnã, como foi a descolonização da África, as lutas populares por liberdade, contra a ditadura, a tortura. E o mais grave: livros, filmes, peças de teatro, pensamentos e personalidades que

<sup>21</sup> *Não à Censura, à Tortura, à Ditadura*, poema de Brant escrito em 1980.



escreveram um projeto de Brasil são apagados da história. Em tempos que privilegiam o efêmero, o volátil e o descartável, este livro é peça essencial na “guerra santa” que travamos contra a amnésia histórica que querem nos impor.<sup>22</sup>

Em uma entrevista para a *Revista de História* concedida em 2010, o cineasta respondeu sobre a atualidade do seu filme:

**RH:** Como vê “Jango” hoje?

**ST:** Dificil dizer. **Eu faço história voltada para o futuro.** Não tenho saudade do passado. Quando o Jango foi deposto, eu tinha apenas 14 anos. Eu não vivi exatamente aquilo. Pra mim, o Jango foi um turbilhão que durou dois anos e sete meses. Então, eu não sei se o que eu queria com esse documentário era contar uma história vivida ou manifestar um desejo de democracia e de justiça social. “Os Anos JK” é um filme sobre a democracia. O “Jango” é sobre justiça social, o voto do analfabeto, o controle da remessa de lucros, as reformas agrária, tributária e urbana. **Se o Jango não tivesse sido deposto, o Brasil não estaria hoje nas condições em que está.** Hoje, acho que era isso o que eu queria dizer.<sup>23</sup>

Há uma distância temporal de cerca de 30 anos entre o *Jango* (1984), *O dia que durou 21 anos* (2013) e *Dossiê Jango* (2013). *Dossiê Jango* é dirigido por Paulo Henrique Fontenelle que, ao contrário de Tandler, não vivenciou o golpe de 1964. Fontenelle denuncia a “Operação Condor” e cogita a possibilidade de essa ser a responsável por três mortes: a de Juscelino Kubitschek, a de João Goulart e a de Carlos Lacerda, integrantes da chamada Frente Ampla<sup>24</sup> que tinham planos de concorrer à disputa eleitoral de 1965. Para Fontenelle, seu filme pretende “trazer à tona uma outra versão que contesta a História oficial no continente”<sup>25</sup>. Já *Dossiê Jango* traz uma grande quantidade de entrevistados, mas um deles se destaca pela forte carga sentimental: João Vicente Goulart, filho de Jango, residiu com o pai no exílio, portanto era contemporâneo do golpe e do personagem título do documentário. A dramatização da

---

<sup>22</sup> Apud SOARES, Mariza; FERREIRA, Jorge. **A História vai ao cinema**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

<sup>23</sup> ELIAS, Rodrigo; TENDLER, Silvio. *Revista de História*. 17 jun. 2010. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/entrevista/silvio-tandler>>. Acesso em: 7 abr. 2015. Grifo nosso.

<sup>24</sup> Movimento político lançado em 1966 com o objetivo de lutar pela “restauração do regime democrático” no Brasil. A Frente Ampla teve como principal articulador o ex-governador da Guanabara, Carlos Lacerda, e contou com a participação dos ex-presidentes Juscelino Kubitschek e João Goulart.

<sup>25</sup> **PAULO FONTANELLE FALA SOBRE O FILME DOSSIÊ JANGO**. *Jornal O Globo*. 2012. Disponível em: <<http://canalbrasil.globo.com/programas/dossie-jango/materias/paulo-fontenelle-fala-sobre-o-filme-dossie-jango.html>>. Acesso em: 7 abr. 2016

cena em que Vicente lê a carta do pai com voz embargada deixa claro o desejo do filho e o do cineasta, de reconstruir e honrar a memória de Jango:

Maldonado, 21/05/1976. João Vicente, meu bom amigo,  
Em Buenos Aires, um clima cada vez mais tenso. Há dois dias sequestraram do hotel e de sua residência os nossos amigos senador Michelini e deputado Gutierrez Ruiz. Uma monstruosidade que me leva a pensar no meu futuro na Argentina. Já me sinto velho e um pouco desanimado [choro de João Vicente] para novos empreendimentos. Isso talvez fique para vocês.

Essa cena remonta à violência perpetrada pelo estado ditatorial e seus reflexos não só nas vítimas da ditadura, mas em seus familiares. Ao mesmo tempo atribui à família, ou seja, aos personagens reais, a missão de continuar denunciando o golpe, procurar corpos, culpados, respostas e, simultaneamente, manter viva a memória do terrorismo de estado. Um dos filmes que retrata com muita clareza a permanência da dor e a busca dos familiares de mortos desaparecidos é o documentário *Nostalgia da Luz* (2013) do chileno Patricio Guzmán. O vídeo retrata a história de mulheres que, até hoje, perambulam pelo deserto de Atacama revolvendo a terra à procura de restos mortais de seus companheiros, filhos e parentes assassinados pela ditadura de Pinochet.

Em *Dossiê Jango*, de 2013, cobra-se o avanço das investigações da então recém-criada Comissão da Verdade e a exumação do corpo de Goulart. João Vicente, em meio às imagens de mortos e desaparecidos, diz:

o importante não é só Jango, o importante é que o Brasil dê conta de seus desaparecidos, de seus mortos, do que houve no Araguaia, do que houve com Rubens Paiva. São várias figuras, são vários líderes, são várias pessoas que lutaram por esse país, que lutaram pela redemocratização do país e que não se sabem onde estão, e estavam sob proteção do Estado. Eu acho que o Brasil, à medida que a sociedade vá conhecendo o que houve, vai exigindo que se dê uma solução final a essas famílias que estão esperando até hoje.

As expectativas de futuro presentes na narrativa desses documentários espelham a necessidade política atual de julgamentos de todos os crimes cometidos durante a ditadura, por exemplo, os casos de Rubens Paiva e Anísio Teixeira, investigados pela Comissão Anísio Teixeira de Memória e Verdade (CATMV) da Universidade de Brasília (UnB). Sobre a morte de Anísio Teixeira, a CATMV concluiu que, diante

[...] da documentação reunida e do trabalho de pesquisa realizado, não tem condições objetivas para assegurar a ocorrência de morte por acidente. Por outro lado, não é possível indicar Anísio Teixeira como

vítima fatal da repressão, seguindo inconclusas as investigações a respeito das circunstâncias do seu falecimento<sup>26</sup>.

A respeito do desaparecimento de Rubens Paiva, a Comissão Nacional da Verdade revelou que, “ocorrido nos idos de 1971, em circunstâncias até hoje pendentes de apuração”, o episódio passou a ser entendido como “sequestrado em sua residência na av. Delfim Moreira nº 80, no Rio de Janeiro, RJ. Provavelmente, foi executado nas dependências do DOI-CODI do I Exército”.

Já *Dossiê Jango* sustenta a hipótese do assassinado do ex-presidente através de várias narrativas, documentos e casos semelhantes ocorridos na América Latina. Carlos Prats e Orlando Letelier, ligados ao presidente chileno deposto Salvador Allende, foram assassinados, assim como os uruguaios Zelmar Michelini e Gutiérrez Ruiz, amigos de Jango, mortos na Argentina. Jango faleceu em 1976, mas a exumação de seu corpo foi realizada apenas em 2014, impedindo que fossem encontrados vestígios de envenenamento nos seus restos mortais, mesmo se eles tivessem existido:

Em 1º de dezembro de 2014, os resultados dos exames realizados após a exumação do corpo de João Goulart não detectaram nenhum veneno. O médico legista afirmou que não se pode afirmar nem que Jango foi envenenado nem que não foi, pois as substâncias podem não ter sido detectadas após quase 40 anos da morte do ex-presidente.<sup>27</sup>

A dúvida sobre os falecimentos de Anísio Teixeira, Rubens Paiva e João Goulart permanece até hoje junto com as várias possibilidades de lidar com esses dados inconclusivos no futuro. No caso de Jango, uma alternativa poderia ser a abertura de documentos norte-americanos, reivindicada pela família Goulart, com informações acerca dos agentes da repressão infiltrados no círculo íntimo de Jango e a suposta operação para adulteração dos seus medicamentos cardíacos. O que mudaria se fosse comprovado que Goulart foi assassinado no exílio? Por que a preocupação em *Dossiê Jango* de levantar essa versão? Em primeiro lugar, tal dado demonstraria a força, capacidade de organização e a audácia da Operação Condor. Segundo, seria uma evidência bastante palpável – assassinato de um ex-presidente democrático no exílio – e

<sup>26</sup> RELATÓRIO DA COMISSÃO ANÍSIO TEIXEIRA DE MEMÓRIA E VERDADE (CATMV/UnB), 2015. Disponível em: <<http://www.comissaoverdade.unb.br/images/docs/relatorio.pdf>>. Acesso em: 24 abr. 2016.

<sup>27</sup> SCHREIBER, Mariana. **Exame em Jango não encontra veneno, mas investigação prossegue.** BBC, Brasília, 1º dez. 2014. Disponível em: <[http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/12/141201\\_jango\\_exame\\_pai\\_ms](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/12/141201_jango_exame_pai_ms)>. Acesso em: 2 jan. 2015.

mais um argumento de que o regime militar brasileiro não pode ser caracterizado de “ditabranda”. Em terceiro lugar, se descaracterizaria a imagem de Goulart como um presidente fraco e vacilante, forjada por muitos anos pela historiografia tradicional. Se ele foi assassinado no exílio, doze anos após o golpe, é porque ainda representava uma ameaça e, quem sabe, poderia ser um nome de destaque e aglutinação das massas no processo de redemocratização.

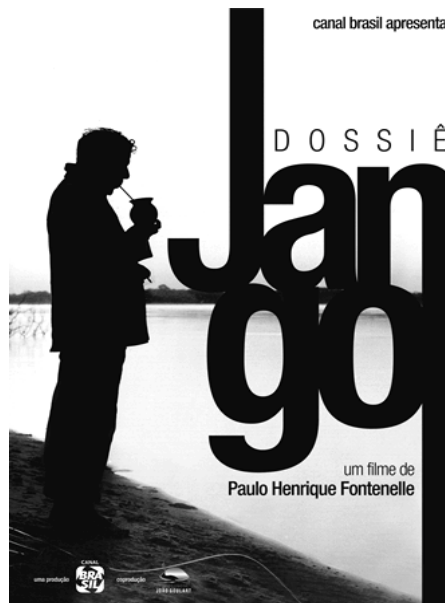
A marca da incerteza ratifica uma perspectiva de um passado que “não passa”, desse pretérito presente. Além da dor dos familiares, isso deixa cicatrizes na forma de compreender nossa história. Na visão dos filmes analisados, a solução desses crimes e o esclarecimento do golpe de 1964 como um período de terror, prisões, tortura, morte, censura e rompimento da ordem democrática poderiam afastar possíveis futuros marcados pelo autoritarismo político.

### **O PRESIDENTE DAS REFORMAS? O PRESIDENTE ASSASSINADO NO EXÍLIO? O PRESIDENTE QUE AMEAÇOU J.F. KENNEDY E LINDON JOHNSON?**

Ao longo dos documentários, as imagens de Jango são plurais e positivas. Em *Dossiê Jango*, a voz do filho do ex-presidente, que encerra a película, evidencia essa perspectiva:

Àqueles que pensam que derrotaram Jango, nós estamos debatendo o Jango até hoje e ainda temos muito a debater, muito a construir e muito a resgatar. Tenho orgulho de ser filho de Jango. Tenho orgulho de ser filho daquele homem que se tornou o único presidente a morrer no exílio. Sinceramente, não gostaria de ser filho de nenhum ditador que submeteu o povo brasileiro há vinte e tantos anos de escuridão e de sofrimento.

João Vicente expõe um ponto marcante na biografia do pai: Goulart foi o único presidente brasileiro a morrer no exílio, mesmo revelando a todos que o perguntavam que sua maior vontade era de voltar ao Brasil. Em um dos momentos mais tocantes do filme, ouve-se o depoimento do jornalista Carlos Bastos e vê-se a foto de Goulart – a mesma que figura o cartaz de divulgação do filme – acerca dos instantes mais lúgubres no desterro, quando Jango ia até São Tomé na Argentina e do outro lado do Rio Uruguai enxergava São Borja, sua cidade natal no Rio Grande do Sul. São cenas bem melancólicas, que trazem imagens pouco vistas de Goulart no Uruguai e na Argentina, bem mais velho e muito abatido.



Cartaz de divulgação do filme *Dossiê Jango*

No decorrer da película, o retrato do rio é repetido inúmeras vezes como metáfora da distância que tornou o exílio mais sombrio. Até para o corpo de Jango voltar ao seu país, depois de morto, houve dificuldades. O filme atenta para os obstáculos gerados por policiais e militares para que o cadáver de Goulart entrasse em território nacional. Em outro momento, João Vicente tenta desfazer a ideia de fraqueza e de uma figura política titubeante atribuídas ao seu pai: “Jango quando cai, não cai por ser um governo fraco. Senão não o teriam derrubado. Faltavam poucos meses para as eleições. Jango caiu exatamente por propor as reformas de base”.

A interpretação de Vicente é corroborada por alguns historiadores que enfatizam o caráter preventivo da intervenção militar como Florestan Fernandes, Lucília de Almeida Neves Delgado, Caio Navarro de Toledo e Jacob Gorender<sup>28</sup>. Para esses pesquisadores, o golpe e o consequente controle político perpetrado pelos militares foi uma ação estratégica para impedir mudanças profundas no país, evitar a adoção de um modelo distributivo ou até socialista e interditar a crescente articulação dos operários, estudantes e trabalhadores rurais. Segundo Toledo,

[o mês de] abril de 1964 representou, de um lado, um golpe contra as reformas sociais que eram defendidas por amplos setores da sociedade brasileira e, de outro, representou um golpe contra a incipiente

<sup>28</sup> DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **O Governo João Goulart e o golpe de 1964: memória, história e historiografia**. Tempo, volume 14, n. 28, Niterói, junho, 2010, p.131. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-77042010000100006](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-77042010000100006)>. Acesso em: 18 out. 2016.

democracia política que nascera em 1945, com a derrubada do Estado Novo.<sup>29</sup>

Em *Jango*, as interpretações sobre Goulart se afastam das do político demagogo, manipulador e vacilante. Ele é mostrado como um homem público preocupado com a justiça social e possuidor de uma habilidade de negociação notável. É uma película sinalada pela sensibilidade afluída pela trilha sonora, composta por Milton Nascimento, Ronaldo Bastos, Wagner Tiso e pela narração notadamente emocional do ator José Wilker.

*Jango* se inicia na década de 1947 e demonstra que a trajetória política do biografado não é assinalada somente pelo golpe. Goulart obteve votação mais expressiva do que JK quando se elegeu vice, esteve envolvido na fundação da Universidade de Brasília, na criação do décimo terceiro salário e do Estatuto do Trabalhador Rural. A postura conciliadora e diplomática de Jango como um estadista que valorizava o diálogo e o espírito democrático é ressaltada. Exemplo dessa habilidade é retratada no trecho selecionado de seu discurso de posse: “inclusive por temperamento, prefiro mais unir do que dividir. Prefiro pacificar a acirrar ódios, prefiro harmonizar a estimular ressentimentos”. O filme questiona as críticas da esquerda e da direita dirigidas ao ex-presidente pela tentativa de criar um governo de conciliação.

Nos textos acadêmicos, representantes da esquerda, como o historiador Jacob Gorender, o político Luís Carlos Prestes e o líder das ligas camponesas Francisco Julião, criticam a falta de comando de Goulart para promover a resistência à ditadura e à montagem de uma república popular. Para Gorender, o processo que desembocou no golpe foi determinado pela ausência de reação, em especial, do presidente João Goulart e das forças contrárias ao golpe. “Defendo [em *Combate nas Trevas*] que a derrota de 64 deve-se ao fato de o Partidão [PCB] ter entregado a chefia do movimento a Jango”<sup>30</sup>. Prestes expressa o pensamento de grande parte da esquerda naquele momento. Para ele, Jango

---

<sup>29</sup> TOLEDO, Caio Navarro. 1964: **O golpe contra as reformas e a democracia**. In\_\_\_\_\_. REIS, Daniel; RIDENTI Marcelo; MOTTA, Rodrigo. O golpe e a ditadura militar 40 anos depois (1964-2004). São Paulo: Edusc, 2004, p.67.

<sup>30</sup> Apud MAESTRI, Mário. “**Combate nas Trevas, de Jacob Gorender, há anos esgotado, é reeditado**”. Correio da Cidadania, 11 de julho de 2014. (Reprodução de entrevista de Jacob Gorender, em Milão, em 9 de outubro de 1987, publicada no Diário do Sul, de Porto Alegre, em 9 de outubro de 1987).

estava num dilema. Ou ficava com os generais, ou ficava conosco, e nenhuma das duas pontas do dilema serviam a ele. Porque ele era um latifundiário, não é? Ele era um elemento da burguesia e representava mais ou menos a burguesia industrial brasileira, mas era no fundo um latifundiário.<sup>31</sup>

Francisco Julião sublinha Goulart como um governante muito ambíguo e essa postura teria facilitado o sucesso dos golpistas: “Com essa ambivalência, Jango foi criando um vazio em torno de si. Eu creio que não estava errado quando me afastei do Jango. É que perdi a confiança”.<sup>32</sup>

Prestes, Gorender e Julião pareciam depositar elevada expectativa em Goulart para fazer mudanças no Brasil por meio das reformas e, posteriormente, resistir ao golpe. Entretanto, que esquerda é essa que necessita de um latifundiário para promover uma revolução?

Historiadores refletiram sobre a ausência de iniciativa da esquerda de contrapor rapidamente ao golpe como Daniel Aarão Reis<sup>33</sup>, Caio Navarro de Toledo<sup>34</sup> e o próprio Jacob Gorender.<sup>35</sup> Não se pretende sustentar nesse artigo que a esquerda ou João Goulart contribuíram para o sucesso da Ditadura, já que “a responsabilidade principal pelo golpe foi dos que o deram e não dos que o sofreram”.<sup>36</sup> Todavia, politicamente mostrou-se mais fácil para uma grande parte da esquerda atacar João Goulart atribuindo a ele um papel central na vitória dos militares. Em contraponto, hoje a esquerda brasileira reflete sobre esse momento, suas possibilidades e capacidades de se articular com os movimentos de base e com a sociedade civil que não foram concretizadas.

A direita, constituída por militares, também atribuiu à Goulart as causas da “Revolução”. Gustavo Rego, que serviu com Castelo Branco no IV Exército, sediado em Recife, chefe da assessoria especial do presidente Geisel entre 1974 e 1975, declarou: “o que aconteceu com Jango, foi 80% sua culpa”, pois ele “alegou muitas

---

<sup>31</sup> Apud FERREIRA, Marieta de Moraes. **João Goulart: entre a memória e a história**. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p.22.

<sup>32</sup> Ibid., p.21.

<sup>33</sup> REIS, Daniel Aarão. **A Revolução faltou ao encontro: os comunistas no Brasil**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

<sup>34</sup> TOLEDO, Caio Navarro. **O governo de João Goulart e o golpe de 64**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

<sup>35</sup> GORENDER, Jacob. **Combate nas Trevas: a esquerda brasileira – das ilusões perdidas à luta armada**. São Paulo: Editora Ática, 1987.

<sup>36</sup> CARVALHO, José Murilo. **Forças Armadas e Política no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.p.126.

vezes que não podia trair aqueles que tinham sempre ficado do lado dele, que eram os sindicatos, o movimento de esquerda”.<sup>37</sup> Para o general Octávio Costa, comandante do Centro de Estudos de Pessoal do Exército e chefe de Assessoria Especial de Relações Públicas da Presidência da República entre 1968 e 1969, “partia-se da convicção de que estava em marcha uma tentativa de socialização e que o agente dessa socialização era o presidente Goulart”.<sup>38</sup> Ivan de Souza Mendes, interventor na prefeitura de Brasília por alguns meses após o golpe e chefe do Serviço Nacional de Informação-SNI, alegou que Jango desejava implementar “a república sindicalista. [...] Uma república de extrema esquerda, subvertendo a nossa tradição republicana”.<sup>39</sup>

Nos argumentos dos militares, o que mais chama atenção é o peso da doutrina anticomunista e a forma como categoricamente invocam o interesse de Goulart em montar uma república sindicalista no Brasil. Sindicalista era um adjetivo negativo para eles e justificaria a inadequação de Jango ao cargo de Presidente da República e a sua deposição.

Todos os documentários analisados tentam responder por que Jango não reagiu ao Golpe. As películas são unânimes em reconhecer que a intenção de Goulart era nobre e objetivava evitar a precipitação de uma guerra civil e o derramamento de sangue. Em *O dia que durou 21 anos*, o Deputado federal em 1964 e relator do projeto de Reforma agrária, Plínio de Arruda Sampaio, responde: “É difícil... Eu acho que ninguém tem isso muito claro. Mas evidentemente ele deve ter percebido a fraqueza do esquema militar dele”. Tal opinião é corroborada pelo então Consultor geral da presidência do governo Goulart, Waldir Pires que, no vídeo, sustenta que a divisão do país e a violência contra a população brasileira era uma das maiores preocupações de Jango: “essa coisa foi obsessiva na cabeça de João Goulart”.

Quando abdicou de qualquer resistência em 1964, Jango não o fez por medo. A proximidade de eleição em 1965 era um futuro possível, o que pode explicar o apoio de líderes como Juscelino Kubitschek e Carlos Lacerda ao golpe. Logo, muitos daqueles que não reagiram ou que apoiaram o golpe de 31 de março de 1964 não tinham a perspectiva de que o período ditatorial se arrastaria por longos 21 anos. Se Vargas saiu

---

<sup>37</sup> D'ARAUJO, Maria Celina; SOARES, Gláucio Ary Dillon; CASTRO, Celso (orgs). **Visões do golpe: a memória militar de 1964**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 199, p. 41

<sup>38</sup> Ibid., p. 41.

<sup>39</sup> Ibid., p. 143.



da presidência no fim do Estado Novo por meio de uma articulação civil-militar e voltou democraticamente em 1951, poderia ser provável ocorrer o mesmo nos anos posteriores a 1964. Jango foi afastado, mas novas eleições poderiam ter sido convocadas em 1965 e a normalidade democrática seria reestabelecida.

O filme *Jango* tem o mérito de tentar aprofundar a trajetória de Goulart, não necessariamente atrelada à história do golpe, ação que ainda hoje a historiografia tem dificuldade de realizar. Para Mattos ainda é muito “precipitado produzir um balanço da bibliografia que toma o período presidencial de Goulart *per si* de forma isolada dos trabalhos que o examinam, tendo como marco fundamental o golpe” e são raros os estudos que investiguem “o período de exercício da presidência por Goulart a partir de suas características, independentemente do desfecho golpista”.<sup>40</sup>

O personagem Goulart aparece em *Jango* e em *Dossiê Jango* como um estadista precursor na América Latina e mesmo no ocidente, ao retratarem sua viagem à China quando vice-presidente da República e a importância do ato para o desenvolvimento econômico brasileiro. Essa iniciativa foi interpretada pelos filmes como um ato de coragem, já que o não alinhamento com política norte-americana significava, no contexto da Guerra Fria, uma ação rebelde e visionária, já que a China era uma potência mundial.

A Guerra Fria é desenvolvida detalhadamente em *O dia que durou 21 anos* por meio de um personagem que se destaca: Lincoln Gordon, embaixador dos Estados Unidos no Brasil de 1961 a 1966, que exerceu papel importante no apoio às articulações da oposição ao presidente João Goulart que resultariam no golpe militar de 1964. As convicções de Gordon sobre a tentativa de Goulart de “esquerdizar” o país por meio de um plano orquestrado entre ele e Brizola são criticadas abertamente pelo filme. O embaixador americano acusa Jango de ser populista, sindicalista, comunista e “fomentador de um perigoso movimento de esquerda em favor do nacionalismo”. Na interpretação de Gordon, o termo populista refere-se à grande capacidade de Jango de manipulação das massas para concretizar seu projeto antidemocrático.

*O dia que durou 21 anos* sublinha o papel preponderante dos Estados Unidos na articulação do golpe. Para comprovar essa tese, o diretor exhibe documentos americanos assinados pelo Embaixador Lincoln Gordon nos quais ele descreve o ex-

---

<sup>40</sup> MATTOS, Marcelo Badaró. **O governo João Goulart: novos rumos da historiografia.** Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 28, n. 55, p. 245-263, 2008, p.245.

presidente como uma “ameaça ao mundo livre”. E prossegue: “minha conclusão é que as recentes ações de Goulart e Brizola para promover a reforma agrária levarão o Brasil a um governo comunista como Fidel Castro fez em Cuba”. O diretor ainda divulga os áudios de gravações telefônicas entre Gordon e o Presidente americano John Kennedy:

Kennedy: Você acha que se Goulart tivesse poderes, se ele tivesse poderes, agiria?

Gordon: Acho que ele faria algo como Perón, ou algo assim.

Kennedy: Um ditador.

Gordon: Um ditador pessoal e populista.

Kennedy: Acho que não posso fazer nada com ele ali.

Gordon: Acho que pode.

Goulart comprometia os interesses econômicos dos Estados Unidos no Brasil, país mais importante da América Latina, ao defender a desapropriação de bens de empresas americanas. Em discurso na sede da ONU em 1962, Jango declarou que

[...] colocar em pauta a desapropriação das companhias dentro de formas de entendimento foi exatamente pelas dificuldades que elas estavam criando nesse momento no meu país. Poderemos estimular o investimento de capital estrangeiro, se dermos a esse mesmo capital uma compensação justa. Quando eu falo justa é exatamente para expressar o pensamento do país de justiça. Ela não pode obter também lucros excessivos. Lucros que a enriqueçam muito depressa em detrimento do interesse nacional ou à custa do empobrecimento do país.



Dessa forma, em *Dossiê Jango*, a articulação do golpe recai sobre os E.U.A. por meio de uma rica coleção de documentos oficiais americanos que narram minuto a minuto a estratégia americana, desde o início do golpe militar até 2 de abril, quando Goulart deixou o país. No filme, o historiador James Green declara que Gordon, após a renúncia de Jânio Quadros, “tinha a missão de impedir que o governo brasileiro guinasse para a esquerda”.

A participação e interferência direta dos Estados Unidos no golpe é defendida pelos historiadores Moniz Bandeira (1978), René Dreifuss (1981) e Heloísa Starling (1986)<sup>41</sup>. Nessa abordagem, o destaque é dado às articulações internacionais com os Estados Unidos e ao temor da implantação do socialismo no Brasil, não somente às vésperas do golpe, mas desde 1961, com o financiamento de políticos contrários ao chamado varguismo e na criação do Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais (IPES) e do

<sup>41</sup> DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **O Governo João Goulart e o golpe de 1964: memória, história e historiografia**. Tempo, volume 14, n. 28, Niterói, junho, 2010, p. 134.

Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD).<sup>42</sup> O tom e a cadência da campanha norte americana na tomada do governo, para Moniz Bandeira, “indicavam que um regente invisível dirigia a orquestra, explorando os conflitos internos e as lutas de classes que se aguçavam, das quais o imperialismo norte-americano também participava como empresário”.<sup>43</sup>

Em *O dia que durou 21 anos*, além dos E.U.A , outro protagonista é agente legitimador do golpe: o Congresso Nacional. O áudio do senador Auro de Moura Andrade tem a função de expor esse papel:

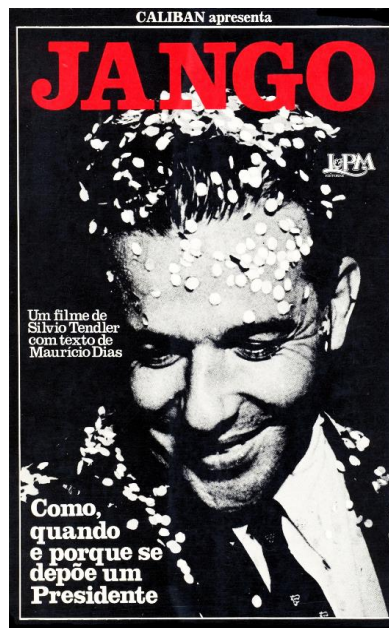
o senhor presidente da República deixou a sede do governo, deixou a Nação acéfala numa hora gravíssima da vida brasileira em que é mister que o chefe de Estado permaneça à frente do seu governo. Abandonou o governo e esta comunicação faço ao Congresso Nacional! Esta acefalia configura a necessidade do Congresso Nacional, como poder civil, imediatamente tomar a atitude que lhe cabe nos termos da Constituição brasileira para o fim de restaurar, nesta pátria conturbada, a autoridade do governo e a existência de governo. Assim sendo, declaro vaga a presidência da República.

Desconstruindo representações depreciativas, em *Jango*, Goulart é um sonhador que incorporou os anseios populares e acreditou em um futuro grandioso para o país, quanto se vislumbrava no início da década de 1960. Tendler assume a ótica de alguns setores sociais do final dos anos 1950 e início dos 1960 que acreditavam em um Brasil urbano, rico, menos desigual, nacionalista e não a de sua experiência pessoal: a decepção com golpe aos 14 anos de idade. Por esta razão, o filme é tão emotivo e marcante. Nele, o movimento das “Diretas Já” e o fim da ditadura trazem à tona o sonho do país mais justo e igualitário, vivido antes do golpe. Esse passado recebe uma nova compreensão, já que se transforma em possibilidade de futuro. Na própria capa do filme de Tendler, o tom é lúdico e positivo: Goulart coberto por confetes de carnaval, simbolizando talvez a esperança e o entusiasmo de uma geração.

---

<sup>42</sup> Para René Dreifuss, em *1964: a conquista do Estado* (1981), há duas possíveis origens para o IBAD. A primeira seria de formação do Instituto em fins da década de 1950, paralelamente à projeção política do Conselho Nacional de Classes Produtoras (CONCLAP) do Rio de Janeiro. E a segunda origem, citada por Carlos Lacerda, seria após a chegada de João Goulart ao governo. Representantes convidaram Lacerda para formar um grupo em defesa da democracia (p. 102). Já o IPES foi criado durante a presidência de Jânio Quadros por inúmeros empresários com “relações econômicas multinacionais” e “posicionamento anticomunista”(p.162).

<sup>43</sup> BANDEIRA, Moniz. **O Governo João Goulart e as lutas sociais no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, p.166.



Capa do DVD do filme *Jango*.

Na historiografia tradicional, vários adjetivos negativos foram associados à imagem de Goulart: sindicalista, comunista, subversivo, demagogo, fraco, ambivalente, o líder que não conseguiu analisar a conjuntura política, não deu a guinada necessária à esquerda ou que radicalizou demais com suas reformas. Em contraponto, os documentários resgatam outras facetas desse complexo personagem que viveu sujeito às poderosas pressões da Guerra Fria, entendidas como fundamentais nas atitudes políticas de Goulart. Os filmes também sublinham o tom carismático e conciliador de Jango, exaltando-o como um estadista democrático, pacífico e habilidoso.

Tanto *Jango*, lançado em plena redemocratização em 1984, como *Dossiê Jango* e o *O dia que durou 21 anos* – que foram produzidos em 2013, no momento de consolidação de um governo de esquerda democrático em um país empenhado em resgatar a memória da Ditadura com a criação da CNV – constituem-se em novas fontes privilegiadas para se estudar não só a trajetória de Jango, mas como ela foi resignificada nos anos de 1984 e 2013.

Jango foi, e ainda é, uma incógnita e uma utopia no sentido de sonho, esperança, projeto geralmente irrealizável porque seu governo vislumbrava um outro futuro para o Brasil. Em *Jango*, a voz de José Wilker anuncia: “Jango com suas reformas fez o Brasil viver sua utopia”.

**RECEBIDO EM: 31/10/2016**

**APROVADO EM: 13/06/2017**



[www.revistafenix.pro.br](http://www.revistafenix.pro.br)